

## COMPARTILHANDO O CORPO DE CRISTO: EUCARISTIA EM PERSPECTIVA DIACONAL\*



Rodolfo Gaede Neto\*\*

**Resumo:** *estuda-se a dimensão diaconal da eucaristia e a sua relevância para a eclesiologia. Para tanto, verifica-se a relação existente entre a Última Ceia e as ceias rotineiras que Jesus realizava com o povo durante o seu ministério. O estudo da prática da comensalidade de Jesus e do uso que ele fazia, em seus ensinamentos, da imagem da ceia como metáfora para o Reino de Deus, ocupa a primeira parte do texto. Num segundo momento, tematiza-se a relação existente entre a comensalidade e a instituição da eucaristia, buscando perceber o caráter de continuidade histórica e inseparabilidade entre ambas. Em terceiro lugar, a atenção recai sobre a perspectiva diaconal dessa relação. Esta é apresentada em forma de teses, nas quais se procura evidenciar que a perspectiva diaconal da eucaristia se faz perceber no fato de que a primeira diaconia é a do próprio Deus através de Cristo; que ela possui uma dimensão escatológica; caracteriza-se pela gratuidade, pela partilha, pela inclusão, pela transformação, pela reconciliação e pelo empoderamento. Quanto à metodologia, segue-se as diretrizes da pesquisa bibliográfica, analisando dados colhidos em textos publicados principalmente na área da hermenêutica bíblica, com foco na eucaristia e na diaconia cristã.*

**Palavras-chaves:** *Eucaristia. Diaconia. Comensalidade. Partilha.*

A Última Ceia, na qual acontece a instituição da eucaristia (Mateus 26,26-30; Marcos 14,22-26; Lucas 22,14-20), é o evento culminante de uma série de outras ceias realizadas por Jesus durante o seu ministério. Portanto, não se pode isolar a Última Ceia do período histórico que a antecedeu e do contexto de atuação de Jesus de Nazaré (BRUNNER, 1954, p. 224). A importância

\* Recebido em: 06.07.2019. Aprovado em: 22.11.2019.

\*\* Doutor e Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia). Professor titular na área de Teologia Prática do Bacharelado em Teologia e do Programa de Pós-graduação (Faculdades EST). E-mail: rodolfo@est.edu.br

dessas ceias é atestada pelos evangelhos (BOLYKI, 1998, p. 1). Elas ocupam um lugar digno de atenção e reconhecimento entre as demais atividades de Jesus. Norman Perrin (1977, p. 133) chega a afirmar que “podemos ver nesta comunhão de mesa a característica principal do ministério de Jesus”. A mesma importância é reconhecida por John Dominic Crossan (1994, p. 378), quando afirma que ela é “a essência do movimento original de Jesus”.

Entre os vários fatos que evidenciam a importância das comunhões de mesa de Jesus, destaque-se a constatação de que os fortes atritos que ele teve com as autoridades religiosas por causa da comensalidade<sup>1</sup> com “publicanos e pecadores” (Mc 2,15-17), ou seja, por causa das suas ceias comunitárias abertas e inclusivas, foram uma das principais causas da cruz (BOLYKI, 1998, p. 1). “Deve ter havido algo neste fato que causou séria ofensa aos contemporâneos de Jesus”, constata Perrin (1997, p. 127).

Neste estudo almejamos apresentar subsídios que auxiliem na compreensão da relação existente entre as ceias rotineiras de Jesus com o povo e a Santa Ceia. O estudo dessa relação abrirá caminho para a verificação da dimensão diaconal da eucaristia e a sua relevância para a eclesiologia.

Quanto à estrutura deste texto, iniciaremos com um estudo sobre a prática da comensalidade de Jesus e o uso que ele faz, em seus ensinamentos, da imagem da ceia como metáfora para o Reino de Deus. Em segundo lugar faremos uma abordagem da Última Ceia (instituição da eucaristia) e sua relação com as demais ceias de Jesus. Em terceiro lugar, refletiremos sobre a perspectiva diaconal da eucaristia em conexão com as comunhões de mesa de Jesus e finalmente apresentaremos uma breve conclusão.

Escrevemos esta contribuição desde o contexto brasileiro e latino-americano. Aqui temos refletido sobre a diaconia a partir do sofrimento de uma grande parte das nossas populações em consequência de cenários políticos, econômicos, sociais, jurídicos e religiosos que criam e mantêm estruturas de exclusão, gerando pobreza, desemprego, precariedade nos sistemas educacional, de saúde, habitação, segurança pública, seguridade social e transporte. É a partir de uma “lógica de exclusão” (ASSMANN, 1994, p. 19) que procuramos exercitar a leitura de textos bíblicos e desenvolver a reflexão teológica sobre a diaconia.

## AS COMUNHÕES DE MESA NA PRÁTICA E NO ENSINAMENTO DE JESUS

Em seu ministério, Jesus tanto pratica a comunhão de mesa quanto a usa como metáfora em seus ensinamentos sobre o Reino de Deus. A seguir apresentaremos exemplos dessas duas atividades.

### A Prática da Comensalidade

Quando Jesus caracteriza seu ministério com a expressão “no meio de vós eu sou como quem serve” (Lc 22,27; Mc 10,45), está se referindo à sua intensa atividade em torno das mesas, em diferentes momentos, com diferentes grupos de pessoas

(PERRIN, 1977, p. 127-133). As comunhões de mesa em que Jesus é protagonista devem ser compreendidas no conjunto do seu ministério, cuja missão é oferecer sinais visíveis do irrompimento do Reino de Deus (BOLYKI, 1998, p. 229). Jesus age impulsionado pela esperança do Reino e uma forma da presença do Reino é a experiência da comunhão, da inclusão, da partilha, da gratuidade, enfim, a experiência do amor incondicional de Deus em relação às suas criaturas. Nos exemplos de comensalidade que seguem é possível perceber sinais do novo tempo que está sendo inaugurado por Jesus.

- a. Comunhão de mesa na casa do fariseu Simão (Lc 7,36-50). Aí acontece a unção dos pés de Jesus por uma mulher considerada pecadora. Ela entrou nessa casa sem ser convidada e sem ser bem-vinda. Para um fariseu seria moralmente insustentável abrir sua casa a uma prostituta (WIEFEL, 1988, p. 154). Por isso, Jesus assume o papel e o risco de ser anfitrião em plena casa de Simão, para, assim, dar atenção à dor desta mulher, acolhê-la como pessoa humana digna e desejar-lhe o shalom, ou seja, a paz em seu sentido mais profundo, que é a paz do Reino de Deus (WIEFEL, 1988, p. 154-156). Por isso, o autor argumenta que neste episódio tratou-se de um ato de cura, ou seja, uma atitude diaconal (WIEFEL, 1988, p. 156).
- b. Comunhão de mesa na casa de Levi, onde Jesus come com publicanos e pessoas consideradas pecadoras (Mc 2,15-17). Este gesto é profundamente questionador em relação a um sistema religioso que exclui e condena pessoas a partir de uma posição legalista e fundamentalista (WEGNER, 1998, p. 280ss).
- c. Comunhão de mesa com a multidão (Mc 6,30-44). Quando, sob o governo de Herodes, o povo está faminto e desorientado como ovelhas sem pastor, na companhia de Jesus “todos comeram e se fartaram” (v. 42), inclusive os que “vieram de longe” - uma referência aos gentios (MYERS, 1992, p. 255-258) (Mc 8,3)<sup>2</sup>. Enquanto o governo de Herodes se caracteriza pela concentração da renda nas mãos de uma elite (Mc 6,21), gerando pobreza para a maioria, Jesus se orienta pelo paradigma da partilha (BOLYKI, 1998, p. 89-102). Mesmo os discípulos tiveram de aprender que o acesso ao pão não pode depender da condição de alguém possuir dinheiro ou não (DRI, 1986, p. 154)<sup>3</sup>. O desafio do Reino de Deus é promover comunhões de mesa nas quais “todos possam comer se se fartar”.
- d. Comunhão de mesa na casa do publicano Zaqueu (Lc 19,1-10). Zaqueu buscava Jesus (v. 3), porém, foi encontrado por ele (v. 10). O esforço meritório de buscar Jesus é considerado desnecessário, pois, as atitudes de Jesus na perspectiva do Reino de Deus se caracterizam pela gratuidade. As comunhões de mesa de Jesus são dádiva. Essa dádiva é tornada possível apesar das limitações dos convivas; esses são pessoas convidadas sem imposição de condições prévias. Como dádiva, a comunhão sempre rompe e transcende a todo tipo de barreira que a condição humana impõe às pessoas convidadas e encontradas. A mudança na vida de Zaqueu não aconteceu por causa de uma exigência prévia de conversão, mas como consequência da confiança

antecipada de Jesus ao propor comunhão de mesa com ele, sendo ele um “maioral dos publicanos e rico” (v. 2). O convite de Jesus o fez descer do seu alto nível de poder para colocar-se no nível do seu convidador, que optou pelo “descer” desde a sua encarnação (Fp 2.5-11). Jesus demonstra que Deus desce ao abismo das pessoas isoladas e estigmatizadas, vê-as, recorda-se delas, encontra-as, torna-se seu próximo, devolve-lhes a cidadania de seu povo, oferece-lhes a comunhão gratuita (JEREMIAS, 1971, p. 214ss).

- e. Comunhão de mesa no casamento de Caná da Galileia (Jo 2,1-11). Nesta narrativa, as mencionadas talhas nos permitem perceber duas situações opostas: a) enquanto eram usadas para os tradicionais ritos de purificação com água antes das refeições (v. 6), podem estar fazendo referência aos preceitos exigidos pelas lideranças religiosas; estes haviam se tornado um peso para a população, dada a rigidez da vigilância exercida pelas autoridades; o legalismo havia separado o povo em puros e impuros; os dirigentes da nação, para evitar o contato com o “imundo”, mantinham-se separados não só dos gentios, mas também da maior parte de seu povo; os preceitos de purificação haviam se tornado um sistema de segregação; b) essas mesmas talhas foram usadas por Jesus para abrigar o vinho; desta forma, elas passaram a ser instrumentos a serviço da alegria, da festa, da abundância e da liberdade de um povo; a reposição do vinho que havia acabado significou que as talhas foram consideradas instrumentos a serviço do prosseguimento da festa, que, segundo a tradição, durava uma semana inteira. As pessoas que fizeram esta experiência libertadora perceberam algo do que anunciavam os profetas, para os quais o vinho é o sinal de alegria e abundância escatológica, um anúncio do tempo salvífico messiânico, onde se ofereceria vinho de extraordinária qualidade e com grande abundância (Am 9,13s; Jr 31,12; Os 14,7s). Os dias messiânicos se assemelham a um casamento (Is 42,4s). As pessoas presentes ao casamento de Caná perceberam que com Jesus teve início o tempo do gâmos (casamento) em que Deus começa a criar um novo mundo de abundância; por isso, podem cear e festejar com alegria (SCHNEIDER, 1978, p. 83).
- f. Comunhão de mesa na casa de Marta e Maria (Lc 10,38-42). A visita de Jesus a Marta e Maria está no contexto de sua viagem a Jerusalém, ou seja, a perspectiva é a cruz (GRUNDMANN, 1974, p. 198). Portanto, não se trata de qualquer visitante, mas, daquele com o qual irrompe o Reino de Deus neste mundo. Por este motivo, qualquer oportunidade para ouvi-lo não deve ser desperdiçada. Maria foi movida por este entendimento (SCHMITHALS, 1980, 129). Isto não significa que a atitude de Marta esteja sendo criticada nesta narrativa. Ela assumiu sua responsabilidade como “senhora” da casa (este é o significado de seu nome), realizando o que o texto chama de diakonein (v. 40) e o que a perícopa anterior recomenda fazer: agir como o bom samaritano (Lc 10,25-37) (GRUNDMANN, 1974, p. 226). Ela foi movida pela necessidade da boa hospitalidade e isto faz muito sentido. A intenção do texto, que está no contexto das comunhões de mesa de Jesus, é chamar a atenção para o fato de que quando se trata do Rei-

no de Deus, cujo banquete pode ser degustado antecipadamente na comunhão de mesa, o anfitrião é Jesus. É ele quem serve a mesa (Lc 22,27). Diante dele, cabe colocar-se de mãos vazias e permitir que ele as preencha com a sua graça e o seu amor (DREHER, 1980, p. 127). Assim, tornamo-nos hóspedes em nossa própria casa, tal qual Zaqueu. Então, sim, podemos dizer à Marta: a ação não pode tornar-se independente do ouvir. Quando isto acontece incorremos no erro de um ativismo irrefletido, descolado do ensinamento de Jesus e que não tem o seu fundamento na cruz de Cristo (DREHER, 1980, p. 128 s). Todavia, não podemos deixar de apontar para outro dado não menos importante nesta perícope: ela coloca em cena duas mulheres. São personagens que revelam limites e possibilidades do universo feminino no contexto patriarcal da época de Jesus. A pessoa de Marta denuncia a realidade do aprisionamento da mulher à vida doméstica. A de Maria anuncia a justeza de sua experiência de libertação; e Jesus é seu cúmplice em sua ousadia de romper a barreira da discriminação de gênero e tornar-se uma discípula.<sup>4</sup>

- g. Poderíamos continuar o estudo em relação a outras atividades de Jesus ligadas à comunhão de mesa, mencionando ainda, por exemplo, a ceia em que Jesus lava os pés dos discípulos (Jo 13,1-11); a ceia de Jesus junto aos discípulos amedrontados, após a crucificação (Lc 24,36-43); a ceia de Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,28-35); ou ainda a ceia à beira-mar, onde o ressurreto come com os discípulos (Jo 21,1-14). Porém, consideramos que os casos acima mencionados apontam suficientemente para os elementos que caracterizam a comensalidade de Jesus, ou seja: a inclusão de pessoas discriminadas; a denúncia de sistemas que excluem pessoas (sejam religiosos, políticos, econômicos, sociais ou culturais); a partilha do pão e a superação da fome; a gratuidade; experiências de antecipação do Reino de Deus (irrupção do novo aeon) (BRANDT, 2003, p. 11); superação do ativismo irrefletido; a experiência de uma espiritualidade em que Jesus é anfitrião e nós hóspedes em nossa própria casa; a experiência de uma espiritualidade em que, de mãos vazias, nos deixamos servir por Jesus; a experiência da comunhão de mesa com hóspedes diferentes de nós; experiência da comunhão de mesa como cumplicidade com as pessoas e grupos discriminados.

### A Comunhão de Mesa como Metáfora no Ensinamento de Jesus

Além da prática da comensalidade, Jesus, em seus ensinamentos, lança mão reiteradas vezes dos conceitos ceia, banquete, bodas como metáforas para ilustrar o que é o Reino de Deus (BOLYKI, 1998, p. 76, 229). A seguir, lembraremos alguns textos.

- a. Mateus 8,11 e Lucas 13,29: o Reino de Deus é como uma mesa na qual tomarão lugar, juntamente com Abraão, Isaque e Jacó, as pessoas vindas de todos os quadrantes da Terra (BOLYKI, 1998, p. 69).
- b. Mateus 22,1-14 e Lucas 14,21: o Reino de Deus é como o banquete para

o qual são convidadas as pessoas que se encontram nas encruzilhadas dos caminhos, nas ruas e becos; as pobres, aleijadas, cegas e coxas, boas e más (BOLYKI, 1998, p. 8; 76).

- c. Lucas 16,19-31: o Reino de Deus é como uma mesa em que acontece a partilha da comida, onde os pobres Lázarus recebem a merecida hospitalidade e podem saciar sua fome; ao contrário, o Reino de Deus não se caracteriza pela concentração das riquezas, pelo acúmulo de bens, pela avareza e pelo usufruto egoísta das riquezas (MOXNES, 1995, p. 90s).
- d. Lucas 15,11-32: o Reino de Deus é como aquela mesa servida com o novilho cevado para celebrar a inclusão gratuita da pessoa considerada indigna (como foi o caso do Filho Pródigo); ao contrário, o Reino de Deus não se caracteriza pela exclusão de pessoas por causa do fundamentalismo e do legalismo religioso (atitude protagonizada pelo irmão mais velho do Filho Pródigo) (KRÜGER, 1991, p. 88-93).
- e. Lucas 14,7-14: o Reino de Deus é como a mesa que se abre para as pessoas pobres, aleijadas, coxas e cegas, ou seja, aquelas que não têm com que retribuir o convite de grupos abastados, fechados em torno de suas mesas fartas. A inclusão dessas pessoas implica uma nova concepção de relações econômicas, construídas sobre o paradigma da partilha entre pessoas e grupos economicamente desiguais (BOLYKI, 1998, p. 88).

Consideramos que os textos mencionados reúnem os elementos teológicos principais do ensino de Jesus referente à comunhão de mesa. A comunhão de mesa é uma experiência de antecipação do Reino de Deus. Como tal, ela se caracteriza pela abertura a todas as pessoas (dimensão universal), pela inclusão gratuita e incondicional das pessoas sem-acesso, pela partilha e justa distribuição do pão, pela superação do acúmulo de bens e a consequente superação do abismo entre as classes sociais; pela superação do sistema fundamentalista e legalista que exclui pessoas da comunhão do povo de Deus; e pela construção de novas relações econômicas concebidas a partir do paradigma da partilha.

#### A ÚLTIMA CEIA OU A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

A presença de Jesus acontece na partilha do pão e do cálice (Mc 14,22-26; Mt 26,26-30; Lc 22,19-23). Como em todas as comunhões de mesa, também em sua Última Ceia Jesus partilha a comida e a bebida. A diferença é que nesta oportunidade, estabelece uma relação entre o pão e o cálice que estão sendo partilhados e a sua futura presença entre os seus: “isto é o meu corpo... isto é o meu sangue” (Mc 14,22, 24) (BRAKEMEIER, 1986, p. 247-275).

É necessário atentar para o fato de que não é simplesmente ao “pão” e ao “cálice” que Jesus se refere, mas ao “pão partido e dado” e ao “cálice distribuído” (Mc 14,22, 23). Por isso, o fato de Jesus ter escolhido exatamente o pão e o cálice partilhados para sinalizar a sua presença entre nós não mais pode ser considerado casualidade (WEGNER, 1991, p. 103).



Portanto, ao mesmo tempo em que Jesus confronta os discípulos com a realidade de sua ausência, garante-lhes a sua presença na comida e na bebida partilhadas. Seu corpo doravante será a comida e a bebida partilhadas. Estará presente no ato da partilha da comida e da bebida. Este é o alicerce da religião cristã: a presença da divindade entre os humanos está inseparavelmente ligada à partilha da comida e da bebida. Aqui está também o elo de ligação entre a eucaristia e a eclesiologia: o corpo de Cristo, ou seja, a Igreja de Cristo, define-se pela partilha da comida e da bebida (VELOSO, 1995, p. 52-62).

É revelador que, dos quatro evangelistas, três relacionam a presença do Cristo ressurreto com comunhões de mesa (Mc 16,14; Lc 24,13-35; Lc 24,41-43; Jo 21,1-14). Nos testemunhos de Lucas e João, o ressurreto é reconhecido no ato da partilha do pão (Lc 24,13-35. 41-43; Jo 21,1-14). Em Mateus, o Cristo do juízo final está presente neste mundo através daquelas pessoas cuja fome e sede reivindicam a partilha da comida e da bebida (Mt 25,31-46).

Esta compreensão está claramente refletida também no testemunho que os Atos dos Apóstolos nos fornecem a respeito da vida das primeiras comunidades cristãs: a presença de Jesus se dá no partir do pão (At 2,42ss) e no suprimento das necessidades das pessoas (At 4,32ss). Celebrar a presença de Jesus no partir do pão e no suprimento das necessidades humanas significou o estabelecimento de novas relações sociais, que eliminaram as relações de classes do espaço eclesial (BELO, s.d., p. 87-89).

Neste contexto, é inevitável fazer uma breve referência à compreensão paulina de eucaristia, claramente presente no texto de 1 Coríntios 11,17-34. Este texto representa uma crítica veemente do apóstolo à distorção do sentido da eucaristia, em prejuízo justamente da partilha da comida e da bebida com as pessoas pobres (BEOZZO, 1988, p. 85).

A comunidade de Corinto se reunia diariamente para as refeições comunitárias (ágapes), junto às quais se celebrava a eucaristia. A prática que deveria ser de partilha entre todas as pessoas presentes, passou a ser motivo de divisão da comunidade: as pessoas mais abastadas, que chegavam mais cedo, fartavam-se e até se embriagavam; enquanto isso, os pobres, que não podiam chegar cedo por causa do trabalho, pouco ou nada podiam trazer e ao chegarem, já não encontravam comida e bebida, sendo envergonhados em sua fome e sede (SCHNEIDER, 1996, p. 119-128).

Por isso, pode-se dizer que uma refeição em que não se partilha entre todas as pessoas o que cada um trouxe, onde cada qual come egoisticamente o seu próprio prato, não poderá servir de contexto à celebração da ceia do Senhor (VELOSO, 1995, p. 57ss).

Portanto, também na compreensão do apóstolo Paulo, o corpo de Cristo está presente onde a comida e a bebida são partilhadas sem discriminações. Comunhão de mesa é constituída por uma dimensão escatológica (Mc 14,25; Mt 26.,29; Lc 22,18). Todos os três sinóticos incluem, em seus relatos sobre a última ceia de Jesus, o significado escatológico deste evento.

No contexto da Última Ceia, Jesus entende que sua morte representa o elo de ligação entre as comunhões de mesa do tempo presente e o grande e definitivo

banquete no reino vindouro. A comunhão entre Jesus e seus seguidores e suas seguidoras, experimentada na Última Ceia e em todas as anteriores, poderá novamente ser vivenciada junto à mesa do reino de Deus, por causa da morte de Jesus. Esta não é, portanto, uma morte passiva, mas o pressuposto para a ceia salvífica escatológica da qual Jesus é o iniciador (BOLYKI, 1998, p. 122-124). Os olhos de Jesus são capazes de atravessar a escura noite da morte e, para além dela, enxergar a plenitude. Entre todas as comunhões de mesa de Jesus, é na Última Ceia que a esperança escatológica se apresenta de forma mais aguçada, certamente porque a cruz e a morte estão imediatamente à frente. Ele toma sobre si a cruz movido pela esperança de que haverá a continuidade da festa da Páscoa, ou seja, haverá continuação da comunhão de mesa no consumado Reino de Deus. A morte de Jesus se torna a ponte para o banquete do Reino, preparado para toda gente (GNILKA, 2000. p. 261).

No texto de Lucas 22,24-30, mais especificamente no v. 27, Jesus compreende a sua atuação junto à mesa, na comunhão com seus discípulos, como sendo *diakónéo*. Ele entende não só aquele momento específico, mas também toda a sua vida e sua obra como uma existência de serviço (Mc 10,45), estabelecendo, assim, a conexão entre uma comunhão que teve aqui o seu início e que será completa no reino vindouro (BERGER, 1994, p. 101).<sup>5</sup>

Faz parte da comunhão de mesa da Última Ceia a “instituição” da Ceia do Senhor (Mc 14,22-26 e textos paralelos). Neste contexto, vale considerar especialmente o caráter inclusivo deste evento: o *hypér pollôn* em Marcos (14,24) ou o *perí pollôn* em Mateus (26,28) apontam, com base em Isaías 53,11, para além dos doze discípulos ou das doze tribos de Israel, referindo-se, portanto, também aos povos, aos gentios. Seja registrado, então, que também neste contexto da Última Ceia, o caráter de abertura, inclusividade e universalidade da comunhão de mesa de Jesus é afirmada com muita força (BOLYKI, 1998, p. 149s).

Concluindo, resta afirmar que Jesus, quando compreende a sua morte como ponte de ligação entre a Última Ceia e a grande ceia do reino de Deus, coloca todas as comunhões de mesa de seu ministério nesta mesma perspectiva de continuidade: como experiências históricas (práticas de partilha que se dão apesar da realidade vigente) perpassam e transcendem a própria história. Dignifica, assim, cada experiência de comunhão de mesa como sendo momento de antecipação do Reino consumado, nas quais o próprio Jesus está presente.

## A PERSPECTIVA DIACONAL DA CEIA DO SENHOR

Considerando os estudos realizados sobre as comunhões de mesa de Jesus e a Última Ceia, e considerando a relação de continuidade existente entre essas atividades, formulamos as teses seguintes, com o propósito de reunir elementos que apontem para a perspectiva diaconal da Ceia do Senhor e suas implicações para a existência da Igreja.



## A Diaconia de Deus

A perspectiva diaconal da eucaristia está maximamente no fato de que nela (na eucaristia) acontece a *diaconia de Deus*. Deus serve maximamente a comunidade humana através da obra salvífica realizada em Cristo, celebrada na Ceia do Senhor. Na eucaristia, Deus se doa inteiramente e gratuitamente através de Cristo, para o bem da humanidade, nada retendo para si mesmo (LUTERO, 1980, p. 450). Assim, a maior profundidade da eucaristia está na autodoação divina. Quem recebe a eucaristia, recebe, como doação, todos os bens divinos conquistados por Cristo (LUTERO, 1987, p. 429). Por isso, na eucaristia somos hóspedes, que, com as mãos vazias, deixam-se servir por Deus. A diaconia cristã não pode ter outro fundamento a não ser a diaconia do próprio Deus (1Jo 4,19). Antes de realizar serviços de amor ao próximo, cabe abrir-se para receber o amor de Deus, sob pena de tornar-se muito pobre, superficial e inconstante aquilo que se tem a oferecer ao próximo (DREHER, 1980, p. 128s).

## A Eucaristia e sua Dimensão Escatológica

A perspectiva diaconal da eucaristia está na sua dimensão escatológica (BOLYKI, 1998, p. 193), ou seja, na celebração antecipada do Reino de Deus, assim como acontecia em cada comunhão de mesa durante o ministério de Jesus e assim como pode acontecer em cada ação diaconal que tem o banquete do Reino como perspectiva. Ao Jesus se autocompreender como aquele que serve à mesa, ele estabeleceu a ideia de continuidade entre a comunhão de mesa que ensaiamos em nosso tempo e aquela do Reino que virá. Assim, nenhuma experiência de comunhão se perderá. Se a diaconia não tiver a esperança pelo Reino como força impulsionadora, poderá não ter suficiente resistência e perseverança diante dos obstáculos (BRANDT, 2003, p. 13s).

## A Eucaristia e a Gratuidade

A perspectiva diaconal da eucaristia está na gratuidade. A eucaristia é a expressão máxima da graça de Deus, tornada concreta na autodoação de Cristo a partir do amor incondicional de Deus. Em suas comunhões de mesa, Jesus insistia na doação e na gratuidade como valores próprios do Reino de Deus (Lc 14,12s; Lc 15,11-32). A gratuidade identifica a diaconia e a diferencia de toda iniciativa que tem como motivação levar vantagens pessoais na relação com o próximo (DRI, 1986, p. 154s). Na diaconia, as relações humanas são construídas sobre o princípio do bem-estar da pessoa que se encontra em situação de vulnerabilidade. Este princípio está fundamentado na autodoação de Deus, que experimentamos na eucaristia. Ele nada retém para si mesmo para que as mãos vazias das pessoas possam ser abundantemente preenchidas (LUTERO, 1980, p. 450).

## A Eucaristia e a Partilha

A perspectiva diaconal da eucaristia está na partilha do pão e do cálice (*distribution*) (BOLYKI, 1998, p. 46). Assim como durante o seu ministério, também na instituição da eucaristia Jesus distribuiu comida e bebida. O Reino de Deus, que Jesus comparou a uma grande ceia, se caracteriza pela partilha de comida e bebida. A sua própria presença se dá na partilha de comida e bebida. O corpo de Cristo, ou seja, a Igreja de Cristo define-se pela partilha de comida e bebida. As comunhões de mesa de Jesus já eram ensaios de partilha (Mc 6,30-44) e Jesus criticou o homem que acumulou bens apenas para o seu próprio benefício (Lc 16,19-31), advertiu os que mantinham mesas excludentes (Lc 14,7-14) e se alegrou com Zaqueu quando decidiu repartir parte dos bens (Lc 19,1-10). Portanto, não há compatibilidade entre a Igreja de Cristo, feita de comungantes, e os sistemas que mantêm a fome no mundo. O desafio diaconal de partilhar, que decorre da eucaristia, continua sendo grande e urgente no mundo atual.

## A Eucaristia e a Inclusão

A perspectiva diaconal da eucaristia está na inclusão das pessoas. As comunhões de mesa de Jesus eram abertas e inclusivas (Mt 8,11; Lc 7,36ss; Mc 2,15-17; Mt 22,1-14), assim como na Última Ceia até Judas foi incluído na comunhão (Mc 14,18) (BOLYKI, 1998, p. 8, 13s, 102). Os escritos bíblicos, em geral, insistem na inclusão dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros (Dt 14,20; 16,11; 24,21 etc.). Jesus acrescenta a esta lista outras categorias de pessoas em situação de vulnerabilidade, como as mulheres (Mc 7,24-30; Lc 13,10-17; Jo 8,1-11; Lc 7,36-50; etc.), as crianças Marcos 10,13-16), as pessoas com lepra (Lc 17,11-19), as pobres (Lc 16,19-31) e as com deficiência (Lc 14,7-14), enfim, todas que são vítimas de sistemas de discriminação. Atitudes de exclusão e indiferença em relação a atitudes de exclusão são incoerentes com o Corpo de Cristo, no qual, se um membro sofre, todos sofrem com ele (1Co 12,26).

## A Eucaristia e a Transformação

A perspectiva diaconal da eucaristia está na transformação da realidade que se opõe ao Reino de Deus. Jesus, em suas comunhões de mesa, questionou os sistemas que excluía pessoas pelos mais diferentes motivos, nas mais diferentes áreas da vida. Propôs paradigmas coerentes com o Reino de Deus para as áreas política (Mc 6,30-44), econômica (Lc 14,7-14), social (Lc 16,19-31), cultural (Mc 7,24-30) e religiosa (Lc 15,11-32). Portanto, a mensagem evangélica tem um caráter transformador. A experiência da transformação acontece em cada autêntica celebração da eucaristia, momento em que se faz a degustação do banquete do novo *aeon* inaugurado por Jesus. Assim, toda ação realizada

na perspectiva do Reino é profundamente transformadora e carrega consigo a identidade da diaconia cristã (FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 43s).

## A Eucaristia e a Reconciliação

No conjunto das comunhões de mesa de Jesus é claramente perceptível um projeto de reconciliação universal, embebido da esperança pelo Reino de Deus (BOLYKI, 1998, p. 11). Na visão dos evangelistas, Jesus estava preocupado com a grave fragmentação do povo de Deus pelas mais diversas razões.

Na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lv 16,19-31), a razão era social e a proposta foi a desconstrução do abismo de classes que ambos representam, para que houvesse reconciliação no nível social.

Na parábola do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), a razão era religiosa. Existe no texto uma tensão por causa das posições discordantes entre os dois irmãos. Entre outras interpretações, é possível perceber na figura do irmão mais velho a posição dos escribas e fariseus, que se sentiam no dever de manter e fazer cumprir as normas religiosas. É conhecida a rigidez dessa posição, caracterizando-se como legalista e fundamentalista. Do outro lado está o irmão mais moço, que descumpriu as principais normas religiosas e, por isso, merecia a excomunhão. A situação dele nos remete a um contingente de pessoas da época, excluídas de sua comunidade por motivos religiosos. A proposta do pai foi a de reconciliar os dois filhos (o excluído e o que excluía), levando-os à mesa da comunhão (KRÜGER, 1991, p. 88-93).

Na história da multiplicação dos pães (Marcos 6. 30-44), a razão era de ordem política, já que sob o governo de Herodes, representando o Império Romano, o povo vivia com fome e desorientado como ovelhas sem pastor. A proposta foi a de organizar a multidão em grupos e partilhar a comida para que todos comessem e se fartassem (mesmo as pessoas que não possuíam dinheiro).

Na ceia junto à casa do fariseu (Lc 14,7-14), a divisão do povo percebida por Jesus foi de fundo econômico: pessoas abastadas da aldeia se reuniam em grupos fechados para ceiar; enquanto isso, os *pobres, aleijados, coxos e cegos* eram excluídos. A proposta de Jesus é a de convidar para a mesa as pessoas que não têm com que recompensar o convite, ou seja, propõe um novo paradigma econômico baseado na partilha. Isso significa uma sociedade reconciliada com base numa economia solidária.

Também para outras razões de exclusão, como a étnico-cultural (Mc 7,24-30) ou a moral (Lc 7,36-50), encontramos, no contexto das comunhões de mesa de Jesus, sempre a clara mensagem de reconciliação da comunidade humana em todos os níveis. A eucaristia é a reconciliação da comunidade com Deus e das pessoas comungantes entre si. Por isso, a diaconia, que tem suas raízes na eucaristia, promove comunhão de mesa como atividade que abre caminhos para a reconciliação. Em torno da mesa, as pessoas se encontram, colocam-se frente a frente, olham-se face a face, aprofundam o conhecimento mútuo, tomam conhecimen-

to do sofrimento alheio, dialogam, desconstróem preconceitos, perdoam-se, fazem pactos de amizade e cumplicidade, experimentam comunhão. Enfim, a diaconia, ancorada na eucaristia, constrói pontes para reconstituir as relações humanas quebradas (GAEDE NETO, 2017, p. 55-63).

## A Eucaristia e o Empoderamento

A eucaristia significa acesso gratuito à comunhão com Deus e com a comunidade que compõe o Corpo de Cristo. Para a mesa da eucaristia podemos chegar de mãos vazias ou levar todas as nossas angústias e dores, nossos limites e fracassos pessoais, e receber, em troca, todos os benefícios divinos conquistados por Cristo (LUTERO, 1987, p. 429). Podemos experimentar um antegosto do banquete do Reino de Deus, uma experiência real daquilo que é a razão da nossa esperança. Esta experiência é restauradora e empoderadora. A experiência de participar da comunhão do banquete do Reino gera encorajamento, fortalecimento e ânimo para continuar plantando sementes desse Reino de justiça e paz. Neste sentido, a eucaristia é remédio que cura e empodera (LUTERO, 1980, p. 493). Ou podemos dizer que a eucaristia é alimento energético: na mesa da comunhão somos energizados e energizadas para superarmos o medo, a baixa autoestima, o pessimismo para nos tornarmos sujeitos, cidadãos e cidadãos do Reino de Deus já neste mundo (LUTERO, 1987, p. 429s). As comunhões de mesa de Jesus certamente energizaram Zaqueu, Levi, Maria e Marta, a prostituta que ungiu os pés de Jesus, a multidão que comeu e se fartou, as pessoas convidadas para o casamento de Caná, os discípulos de Emaús etc. Além disso, a comunhão que a eucaristia gera com a comunidade que compõe o Corpo de Cristo significa a criação de relações solidárias, onde os membros do corpo se energizam mutuamente (1Co 12,25-26) (FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 45ss).

## CONCLUSÃO

Este artigo buscou apresentar argumentos em favor da inseparável relação entre a eucaristia e as comunhões de mesa praticadas rotineiramente por Jesus durante o seu ministério histórico. Esta constatação traz para a reflexão teológica um dado relevante no que diz respeito à compreensão da eucaristia: ela carrega em si um caráter diaconal. Ou seja, o sentido das ceias cotidianas de Jesus, caracterizadas pela saciação da fome de pão e da sede de comunhão, principalmente das pessoas em situação de maior vulnerabilidade, estende-se para dentro da eucaristia. Para substanciar esta tese, estudou-se uma série de textos bíblicos nos quais se pode perceber o caráter de acolhimento e inclusão das comunhões de mesa de Jesus. Ao mesmo tempo, estudamos textos bíblicos em que Jesus compara o Reino de Deus com a comunhão de mesa, explicitando a mensagem de que cada experiência histórica de comunhão de mesa é vivência antecipada do Reino.

Num segundo momento, o artigo apresenta um estudo focado especificamente na euca-

ristia, instituída na Última Ceia. Também aqui se constata o paralelismo entre esta e as ceias rotineiras de Jesus, no que se refere à partilha do pão. O diferencial da eucaristia é que nela Jesus anuncia que após a sua morte ele estará presente entre suas seguidoras e seus seguidores justamente na partilha do pão, quando estas e estes rememorarem a sua morte. Ou seja, a Santa Ceia terá sempre um caráter diaconal, uma vez que ela é o pão repartido. Em outras palavras, a presença do Cristo se dá no pão repartido. Além disso, a morte de Jesus faz a ponte entre a Última Ceia (que representa também as ceias anteriores) e a Ceia vindoura do Reino de Deus, na qual haverá fartura para toda gente.

Na última parte, o artigo apresenta, em forma de teses, os resultados do estudo realizado quanto à perspectiva diaconal da eucaristia, concluindo, assim, que a diaconia, ancorada na eucaristia, é o ministério que promove espaços de empoderamento das pessoas fragilizadas; constrói pontes para restabelecer relações humanas saudáveis; protagoniza ações na perspectiva do Reino de Deus, que são profundamente transformadoras; caracteriza-se pela inclusão e pela negação de sistemas que promovem a exclusão de pessoas; promove espaços de partilha de comida e bebida e nega o acúmulo de bens que causa a fome no mundo; fundamenta-se na esperança da consumação do Reino de Deus e, acima de tudo, coloca-se humildemente sob a anfitriagem de Deus para usufruir, como hóspede na própria casa, da sua amorosa hospitalidade e de toda a riqueza da sua graça.

#### SHARING THE BODY OF CHRIST: EUCHARIST IN A DIACONAL PERSPECTIVE

**Abstract:** *the diaconal dimension of the Eucharist and its relevance to ecclesiology are studied. For this, the relationship between the Last Supper and the daily suppers Jesus performed with the people during his ministry is verified. The study of the practice of the commensality of Jesus and of his use of the image of the supper as a metaphor for the Kingdom of God in his teaching occupies the first part of the text. In a second moment, the relationship between commensality and the institution of the Eucharist is thematized, seeking to understand the character of historical continuity and inseparability between them. Thirdly, attention falls on the diaconal perspective of this relationship. This is presented in the form of theses, in which it is sought to show that the diaconal perspective of the Eucharist is evident from the fact that the first diakonia is that of God himself through Christ; that it has an eschatological dimension; It is characterized by gratuitousness, sharing, inclusion, transformation, reconciliation and empowerment. As for the methodology, the bibliographic research guidelines follow, analyzing data collected in texts published mainly in the area of biblical hermeneutics, focusing on the Eucharist and Christian diakonia.*

**Keywords:** *Eucharist. Diaconia. Commensality. Sharing.*

## Notas

- 1 Comensalidade é o ato de comer e beber ao redor da mesa na companhia de pessoas. Neste texto faremos referência à atividade em que Jesus, muitas vezes, comia e bebia com diferentes pessoas.
- 2 A referência à inclusão dos gentios na comunhão de mesa de Jesus quer apontar, ao nosso ver, para a dimensão da universalidade do Reino de Deus, ou seja, um lugar para o qual, na compreensão do evangelista Marcos, todos os povos são convidados, indistintamente. Não se pretende, com isto, insinuar ou fundamentar, por exemplo, a participação de pessoas não batizadas na celebração da Ceia do Senhor.
- 3 Afirma o autor: “Quem acumulou riqueza, quem tem dinheiro, pode comer. Os demais estão condenados a pedir esmolas ou a se converter em assaltantes”.
- 4 Para aprofundamento do tema, cf. Richter Reimer e Crüsemann (2016) e Richter Reimer (2014a).
- 5 Sobre este tema, recomendamos também a leitura de Richter Reimer (2011; 2014b; 2018).

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BAESKE, Albérico. Lucas 19.1-10. *Proclamar Libertação: Auxílios Homiléticos*. São Leopoldo: Sinodal, 1977. v. 2, p. 112-122.
- BECKER, Jürgen. *Jesus von Nazaret*. Berlin-New York: Gruyter, 1996.
- BELO, Fernando. *Uma leitura política do Evangelho*. [s.l., s.d.]. (mimeo), p. 87, 89.
- BEOZZO, José Oscar. Evangelho e Escravidão na Teologia Latino Americana. In: RICHARD, Pablo (org.). *Raízes da teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 83-122.
- BOLYKI, János. *Jesu Tischgemeinschaften*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998.
- BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell (org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 9-52.
- BRAKEMEIER, Gottfried. A Santa Ceia do Novo Testamento e na Prática Atual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 26, n. 3, p. 247-275, 1986.
- BRUNNER, Peter. Zur Lehre vom Gottesdienst der im Namen Jesuversammelten Gemeinde. In: MÜLLER, K. F.; BLANKENBURG, W. (Hrsg.). *Leiturgia: Handbuch des Evangelischen Gottesdienstes*. Kassel: Johannes Stauda, 1954. v. 1. p. 83-364.
- COMBLIN, José. A fome e a Bíblia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 46, p. 25-32, 1995.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediderrâneo*. Tradução: André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994.



- DREHER, Carlos Arthur. Lucas 10.38-42. *Proclamar Libertação: Auxílios Homiléticos*. São Leopoldo: Sinodal, 1980, v. 6, p. 124-132.
- DRI, Ruben. *A utopia de Jesus*. São Paulo: Ícone, 1986.
- DROOGERS, André. Lucas 19.1-10. *Proclamar Libertação: Auxílios Homiléticos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 8, 1982. p. 219-227.
- FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Diaconia em contexto: transformação, reconciliação, empoderamento*. Genebra, 2009.
- GAEDE NETO, Rodolfo. *Diaconia no contexto afro-brasileiro: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2014.
- GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Tradução: Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRUNDMANN, Walter. *Das Evangelium nach Lukas*. 7. Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1974.
- JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. Tradução: João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1976.
- JEREMIAS, Joachim. *Neutestamentliche Theologie*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn. T. 1, 1971.
- KRÜGER, René. Lucas 15.1-3,11-32. *Proclamar Libertação: Auxílios Homiléticos*. São Leopoldo: Sinodal, v. 17, p. 88-93, 1991.
- LUZ, Ulrich. *Das Evangelium nach Matthäus*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1985.
- KOLLMANN, Bernd. *Ursprung und Gestalten der frühchristlichen Mahlfeier*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.
- LUTERO, Martim. Catecismo Maior. *Livro de Concórdia*. Tradução: Arnaldo Schüler. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 385-496.
- LUTERO, Martim. Um sermão sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Santo e Verdadeiro Corpo de Cristo e sobre as Irmandades. *Obras Selecionadas*. Tradução: Walter O. Schlupp. v. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. p. 425-444.
- MARTINI, R. Romeu. *Eucaristia e conflitos comunitários*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. Tradução: I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOXNES, Halvor. *A economia do reino: conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- PERRIN, Norman. *O que ensinou Jesus realmente?* São Leopoldo: Sinodal, 1977.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Releituras Bíblicas para uma Diaconia que serve, empodera, liberta e cria comunhão. In: BLASI, Marcia; BACHMANN,

Mercedes Garcia; HAAGER, Angela Trejo; NEUENFELDT, Elaine Gleci (orgs.). *Mulheres fazem Teologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2018. p. 53-88.

RICHTER REIMER, Ivoni; CRÜSEMANN, Marlene. Igrejas domésticas: lugar de acolhida, partilha e celebração na casa de mulheres. *Caminhos*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 179-190, 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4835/2701>. Acesso em: 12 nov. 2019.

RICHTER REIMER, Ivoni. Marta e Maria no Getsêmani de Fra Angelico: luzes medievais na releitura de tradições e textos bíblicos. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Online), v. 12, p. 1315-1333, 2014a.

RICHTER REIMER, Ivoni. Comunhão e partilha como ruptura e transgressão de sistemas de dominação: diaconia de mulheres nos Atos dos Apóstolos e no Brasil. *CESContexto*, Coimbra/Portugal, v. 08, p. 40-56, 2014b.

RICHTER REIMER, Ivoni. Apostolado, diaconia e missão de mulheres nas origens do cristianismo: rever tradições para empoderar e promover cidadania plena. *Pós-Escrito*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 110-126, 2011.

SCHMITHALS, Walter. *Das Evangelium nach Lukas*. Zürich: Theologischer Verlag, 1980.

SCHNEIDER, Johannes. *Das Evangelium nach Johannes*. 2. Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1978.

SCHNEIDER, Nélio. Pecado e sacrifício na Ceia do Senhor: Por isso há entre vós muitos fracos e doentes e vários já dormiram (1Co 11.30). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 119-128, 1996.

SCHOTTROFF, Luise; STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus von Nazareth: Hoffnung der Armen*. 3. Aufl. Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1990.

VELOSO, Reginaldo. Fome e eucaristia nos escritos do Novo Testamento. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 46, p. 52-62, 1995.

WEGNER, Uwe. Jesus e Economia no Evangelho de Marcos. *Reflexos da Brisa Leve*. Belo Horizonte: CEBI, 1991. p. 93-110.

WEGNER, Uwe. *Exegese do novo Testamento: manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WIEFEL, Wolfgang. *Das Evangelium nach Lukas*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 1988.